

■ Capítulo 4 ■

Trabalho informal e desenvolvimentos

■ 4.1. Introdução ■

Luís FERNANDES

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto
jllf@fpce.up.pt

O trabalho informal está hoje, nas sociedades ocidentais, crescendo e adquirindo maior visibilidade? As três contribuições que constituem este capítulo, dedicado ao tema «trabalho informal e desenvolvimento», não colocam explicitamente a questão – mas ela está subentendida nas problemáticas que propõem. Elas têm como fio condutor a análise crítica daquilo que está acontecendo no trabalho e das formas que vão sendo ensaiadas para sobreviver na zona de incerteza instaurada pelas suas profundas transformações.

Na primeira das três contribuições, Tine Manvoutouka interroga a definição de trabalho informal, procurando aclarar até que ponto e de que modo ele é conceitualizável. Como dar conta dessa forma de trabalho que parece não responder aos modelos de referência que enquadram o trabalho em sentido estrito numa sociedade de mercado e de direito?

O trabalho informal é uma noção que recobre todo um conjunto heterogêneo de atividades econômicas fora do alcance regulamentar do Estado. Não é um setor bem delimitado, mas uma dispersão de fontes e oportunidades de rendimentos que tem na informalidade e na ausência de legalidade as suas marcas. Não deixa de ser significativo que Tine Manvoutouka comece a sua proposta analítica invocando o caso da África, onde o trabalho informal representa,

em muitos países, a parte maior da economia, num contexto político marcado ora pela desorganização do Estado, ora pela sua inoperância enquanto regulador da vida coletiva. A essa luz, que estará o crescimento do trabalho informal querendo dizer acerca dos poderes de gestão do social nos nossos países? Que estará ele anunciando acerca do modo como estamos produzindo (des)regulações e (des)equilíbrios, no quadro da mundialização em curso?

Nos capítulos 2 e 3, tanto Agostinho Rodrigues Silvestre e Luís Fernandes como Teresa Medina respondem a essas questões a partir da identificação das principais características que vêm adquirindo uma parte considerável do mundo do trabalho: rarefação, segmentação e fragmentação do estatuto do trabalhador, alteração do seu papel na construção da experiência biográfica dos atores. E, como pano de fundo transversal a todas elas, a precariedade. Esse processo de transformação tem, na leitura dos autores, uma matriz ideológica, que Teresa Medina enunciou desta forma no seminário que originou esta publicação: «Exaltada pela ideologia dominante, a precariedade no trabalho aparece travestida de capacidade de adaptação aos ‘novos tempos’, de flexibilidade, competitividade, empreendedorismo ou modernidade. Para a maioria daqueles que vivem do seu trabalho, significa a instabilidade, a insegurança, a impossibilidade de planejar o futuro, um horizonte de incertezas».

Esse horizonte de incertezas, diz-nos Teresa Medina, torna-se um operador de novas identidades sociais coletivas: do «precário», do «recibo verde²⁵», do «desempregado». E Agostinho Silvestre e Luís Fernandes acrescentam que tal horizonte pode constituir oportunidade para aquilo a que chamam empreendedorismo de margem: não inscrito no trabalho formal, executado com base em posições sociais desvalorizadas ou excluídas, exemplificando com a figura do arrumador de automóveis.

25 N.E «Recibo verde» utilizado aqui para designar um “falso trabalhador independente”, que, embora esteja a exercer funções no âmbito de uma relação salarial, declara remuneração como trabalhador independente, isto é, em recibos verdes. As despesas com a segurança social passam, então, a ser da sua responsabilidade.

Muitas atividades do trabalho informal testemunham a nossa capacidade de integrar o que a ideologia neoliberal repete e reclama: que sejamos inovadores e empreendedores. Somos capazes da nossa iniciativa. Mas ela é pessoal, feita à nossa custa, não nos compromete com o social como nos comprometia o trabalho quando era uma força de coesão. O trabalho informal exacerba a lógica do privado, a resolução individual e individualista dos problemas. Mesmo no trabalho formal, a pressão exercida pela precariedade e pelas fileiras do desemprego incita ao exacerbar à competição e à concorrência. Que efeitos isto está tendo nas relações interpares e nas solidariedades coletivas? Já que o trabalho regulado, contratado, formal nos concede cada vez menos lugar, temos de nos reinventar nas suas margens – eis o que parece estar dizendo-nos o trabalho informal. O trabalho dantes era a estratégia central da *struggle for life* – agora, a vida parece girar em torno do *struggle for work*...